

## APONTAMENTOS SÓCIO-HISTÓRICOS SOBRE A SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE NA FRANÇA: entrevista com Alain Vulbeau<sup>1</sup>

### SOCIO-HISTORICAL APPOINTMENTS ON THE SOCIOLOGY OF YOUTH IN FRANCE: Interview with Alain Vulbeau

Rosemeire Reis<sup>2</sup> - UFAL

#### RESUMO

O pesquisador francês Alain Vulbeau, da Universidade de Nanterre, Paris, é entrevistado pela pesquisadora Rosemeire Reis, da Universidade Federal de Alagoas, Brasil. Nesse diálogo ele descreve seu percurso como pesquisador em relação à temática da juventude na França e traz à tona apontamentos sobre o estatuto epistemológico da Sociologia da Juventude no contexto francês. Apresenta, ainda, suas temáticas de pesquisa na atualidade, relacionadas à 'juventude como recurso' e algumas perspectivas de estudos que estão sendo desenvolvidos no contexto francês.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociologia da juventude; Alain Vulbeau; Formação docente; Estágio supervisionado.

#### ABSTRACT

French researcher Alain Vulbeau, from the University of Nanterre, Paris, is interviewed by Rosemeire Reis, from the Federal University of Alagoas, Brazil. In this dialogue he describes his research on youth in France and argues about the epistemological status of Sociology of Youth in the French context. He also presents his current research themes related to 'youth as a resource' and some perspectives of studies on youth that are being developed in the French context.

**KEYWORDS:** Sociology of youth; Alain Vulbeau; Teacher training; Supervised internship.

DOI: 10.21920/recei720217221525  
<http://dx.doi.org/10.21920/recei720217221525>

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Paris 7 (França). Professor em Ciências da Educação na Universidade Paris Nanterre. Departamento de Ciências da Educação. Equipe Crise: escola, terrenos sensíveis (CREF). Atividades de pesquisa em andamento: Da ruptura à ligação, pesquisa-ação sobre dispositivos de acompanhamento nos centros educativos reforçados. CV: <http://www.educationterritoires.net/alain-vulbeau.html>. E-mail : [alain.vulbeau@free.fr](mailto:alain.vulbeau@free.fr).

<sup>2</sup> Doutora em educação pela FEUSP. Professora do Centro de Educação (CEDU), no Programa de Pós-graduação em Educação - PPGC (UFAL) e Pesquisadora Produtividade CNPq. Líder do grupo de pesquisa GPEJUV - Juventudes, Culturas e formação. Seus interesses de pesquisa são: juventudes, relação com o saber e pesquisa biográfica. E-mail: [rosemeire.silva@ufal.cedu.br](mailto:rosemeire.silva@ufal.cedu.br) / ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1525-3564>.

**RR:** Bom dia, Professor Alain Vulbeau. Obrigada por participar desta entrevista. Eu gostaria de começar por sua história como pesquisador. Identifico que possui uma Habilitação para Dirigir Pesquisas em Ciências da Educação (*Habilitation à Diriger des Recherches - HDR*) em *Sciences de l'Éducation*, obtida em 1999, na Universidade Paris Nanterre, que resulta no livro *Sociologia das Inscrições Sociais da Juventude (Sociologie des Inscriptions Sociales de la Jeunesse)*, publicado em 2002. Pode me explicar como passa a se interessar pela temática da juventude?

**AV:** Há duas datas diferentes, primeiro em 1981, depois em 1999, quando passo na Habilitação para Dirigir Pesquisas (*Habilitation à Diriger des Recherches - HDR*). Em 1981 minha tese versa sobre os espaços de acolhimento de jovens. O primeiro espaço dizia respeito às ‘casas de correção’, também chamadas de ‘colônias penais’, que abrigavam jovens denominados de “delinquentes” do século XIX até a década de 1940. Havia um segundo espaço, que acolhia crianças fora dos períodos escolares, as ‘colônias de férias’. Eu realizava uma espécie de análise diferencial entre, de um lado, os locais que acolhiam crianças denominadas de ‘delinquentes’ para as reeducar e recuperá-las ‘moralmente’ e, por outro lado, os locais que acolhiam crianças dos meios populares ou classe trabalhadora para lhes oferecer, ao contrário, lazer, mas também um tipo de reeducação física e moral. Portanto, não eram os mesmos tipos de apoio, mas em ambos os casos, e cada um ao seu modo, apresentavam um projeto normativo. Essa tese se transformou em uma publicação, denominada ‘Do governo das crianças’ (*Du gouvernement des enfants*), 1993. Antes de 1981, entre 1975 e 1981, trabalhei no setor da animação<sup>3</sup>, ou seja, acompanhando crianças e jovens nas horas de lazer. Eu era estudante, mas ao mesmo tempo era também animador em espaços de lazer, em centros de férias (naquela época ainda falávamos de colônias de férias). Eu era também formador na União Francesa de Centros de Férias (UFCV), um organismo que formava os animadores e responsáveis das associações. Essa organização formava também educadores que trabalhavam para a Proteção Judiciária da Juventude, que à época era chamada de ‘Educação Vigilante’. Eram educadores que tomavam conta de jovens que estavam sob os cuidados da justiça, seja como aqueles considerados delinquentes pela justiça ou por estarem em perigo. Tive assim a oportunidade, durante uma semana, de animar um estágio e trabalhar com educadores. Mas era um meio que eu não conhecia. Os antecessores desses educadores e de seus espaços de intervenção eram as ‘casas de correção’. Na época, eu tinha ouvido falar um pouco sobre o trabalho de Michel Foucault ou de toda uma linha de pesquisa realizada pelo Centro de estudos, de pesquisas e de formação institucionais (*Centre d'études, de Recherches et de Formation Institutionnelles - CERFI*)<sup>4</sup>, mas não havia tido a oportunidade de conhecer esse meio. O estágio do qual tinha participado ocorria em uma antiga ‘casa de correção’, ao leste da França. Enfim, eu tinha uma prática profissional e uma prática de pesquisa, mas que estava no começo pois eu ainda era estudante de sociologia e animador voluntário em um centro de lazer. Minha pesquisa era na perspectiva da formação e da sociologia. No final de 1977, a sociologia e a animação se reencontram. O organismo onde eu trabalhava como formador pede para que eu faça uma pesquisa num bairro de uma cidade do centro da França:

<sup>3</sup> O termo ‘animação’ começa a ser usado na França para designar certas atividades sociais e culturais voluntárias na França e progressivamente é implantada, entre 1950 e 1965, conforme autores como Besnard (1986), Poujol (1989) e Gillet (1995). O termo ganha popularidade e há um movimento pela profissionalização da animação, que passam a receber uma formação específica e, sobretudo, adquire uma nova identidade.

<sup>4</sup> Foi um coletivo de pesquisa em ciências humanas fundado por Félix Guattari e ativo entre 1967 e 1987. Publicava a revista *Recherches*.

tratava-se de fazer um diagnóstico sobre os lazeres dos jovens deste bairro, mas também de identificar seus potenciais. Faço um estudo por alguns meses que dá origem a um relatório de pesquisa. É minha primeira pesquisa pela qual sou pago. Depois, tenho a oportunidade de continuar no laboratório de pesquisas da Associação Nacional da Juventude e da Educação Popular sem fins lucrativos (*Association Nationale de Jeunesse et d'Éducation Populaire à but non lucratif* - UFCV) e de começar a fazer pesquisas sobre o mundo da animação, tendo como foco o atendimento aos jovens. Disse a mim mesmo: Por que não fazer uma tese? Já tinha feito parte dos meus estudos em Nanterre, mas não tinha encontrado orientador de tese. Descubro, através de um colega psicólogo que trabalhava nestas questões de animação, o contato professor Pierre Ansart<sup>5</sup>, que pesquisava 'ideologias políticas' na Universidade Paris 7. Sou aceito com um projeto para trabalhar ideologias pedagógicas. Comecei minha tese em 1979 e a defendi em dezembro de 1981. Quando desenvolvia esta tese eu tinha uma competência relacionada às questões de juventude e sobre a história do trabalho nas colônias de férias e nas colônias penitenciárias. Eu era um sociólogo que se voltava um pouco à sócio história, já que meu campo de pesquisa no passado estava situado nessa área. Profissionalmente entro em um departamento de estudo que fazia um trabalho chamado de 'Desenvolvimento Social'. Foi o início do governo de esquerda no poder na França (década de 80 do século passado), com uma política de ajuda aos bairros chamada desenvolvimento social urbano (DSU), ou o desenvolvimento social dos bairros (DSQ). Começo então a trabalhar profissionalmente neste ramo e não na universidade. Somente entro na universidade quinze anos depois, em 1996, portanto, em outras circunstâncias.

**RR:** O professor tinha trabalhado como animador profissional?

**AV:** O termo profissional não é correto: essa função de animador era voluntária. Éramos pagos, mas o trabalho era voluntário, ou seja, não correspondia, principalmente naquela época, a uma profissão. Trabalhava em uma cidade no *Hauts de Seine* como animador de um centro de lazer. Eram às quartas-feiras e em período de férias escolares, mas não tínhamos vínculo empregatício. Tratava-se de uma função não considerada como profissão. Atualmente, os animadores têm contratos e, muitas vezes, são funcionários territoriais ou, em qualquer caso, ingressam no serviço público territorial, especialmente nos municípios. Na época, era um conselho, mas ainda era algo que não estava regulamentado enquanto direito do trabalho. Em todo caso, esse percurso me conscientiza sobre as questões da infância e da juventude e suas diversas formas de enquadramento institucional. Resulta então em pesquisas sobre os jovens e seus territórios, e também sobre as políticas públicas de juventude.

**RR:** O que você considera como momento marcante da história da sociologia da juventude na França?

**AV:** Para ficar no período relativamente contemporâneo, existem dois momentos importantes. No final da década de 1950, o demógrafo Alfred Sauvy<sup>6</sup> escreve um livro sobre o aumento da população de jovens para alertar a opinião pública e o governo. Ele era um demógrafo institucional que trabalhou no INED (Instituto Nacional de Estudos Demográficos) e era uma

<sup>5</sup> Pierre Ansart (1922-2016). Professor Emérito da Universidade Paris-Diderot, especialista em Proudhon. Suas pesquisas eram sobre as ideologias políticas e as relações entre filosofia e sociologia.

<sup>6</sup> Economista, demógrafo e sociólogo francês. Viveu de 1898 a 1990. Em 1959 escreveu o livro *La montée des jeunes* (1959).

peessoa muito proeminente e influente. Ele explicava que um evento demográfico estava ocorrendo desde o período do pós-guerra em 1945, quando houve um grande número de nascimentos. Obviamente essas crianças estavam crescendo e envelhecendo. Na década de 1960 elas seriam adolescentes, jovens e que seria necessário dar-lhes acolhimento. Precisariamos, então, de escolas e universidades e também de inseri-los no mercado de trabalho. Esta ascensão dos jovens (que era o título do livro de Sauvy) era anunciada por este demógrafo, mas as autoridades públicas não levam suficientemente em conta o que o autor alertava, nem em relação à universidade, nem no que tange ao acesso ao trabalho. Por outro lado, outros pesquisadores no início dos anos 1960 alertam para uma cultura que estava surgindo, como na América: o *rock*, o *jeans*. Edgar Morin, por exemplo, no início dos anos 1960, também anunciava essa cultura jovem ao comentar um concerto ao vivo de Johnny Hallyday, que terminou com um tumulto em Paris, em 1963. A observação era que a sociedade francesa não estava proporcionando um espaço suficiente para os jovens, e a explosão de 1968 foi reveladora. Não era apenas o empoderamento de uma cultura jovem. Havia a importância demográfica das classes juvenis, mas também havia um conflito de gerações que leva ao movimento de maio de 68. É justamente o período anterior a maio de 68 e após a abertura da universidade, com a entrada cada vez maior de jovens nos estudos superiores, oriundos do ensino secundário que também vinha se desenvolvendo. Os estudantes formados no ensino médio se tornam um grupo importante em direção à continuidade dos estudos. Posso citar o Alfred Sauvy com a 'Ascensão dos jovens', o Edgar Morin com a 'Cultura dos jovens' e também alguns estudos que eram realizados em torno de determinados jovens, em particular, de jovens chamados de 'delinquentes' ou jovens chamados 'As jaquetas pretas' (*les blousons noirs*). Um educador chamado Monod escreve um livro chamado '*Les Barjots*', sobre 'gangues de jovens'. Um grupo de pesquisadores da sociologia da juventude começa a se reunir, discutir e produzir trabalhos sobre juventude, mas isso ocorre até 1968, entre 1963 e 1968 praticamente, e depois disso esse grupo se espalha. A historiadora da juventude Françoise Têtard lembra as peripécias desse grupo no artigo 'O grupo das ciências sociais e da juventude' (*Le Groupe des sciences sociales de la jeunesse - 1963-1968*), no livro 'A juventude como recurso' (*La jeunesse comme ressource*), que organizo em 2001. Se estamos interessados em momentos marcantes, há um primeiro período por volta dos anos 1960. O outro período é em meados dos anos 1985, com um grande inventário de problemas e pesquisas sobre a juventude que se manifestam, por um lado, pela promoção institucional de um ano da juventude, e, por outro, por um grande colóquio intitulado 'Os jovens e os outros' (1985)<sup>8</sup>. Foi uma oportunidade de recolher pesquisas, fazer um balanço dos jovens. Dois livros foram publicados pelo Centro de Pesquisas Interdisciplinares de Vaucresson (*Centre de Recherches Interdisciplinaires de Vaucresson - CRIV*)<sup>9</sup>, que era o centro de pesquisas do Ministério da Justiça, dedicado aos jovens. Um primeiro volume é editado pelo cientista político Annick Percheron e um segundo pelo historiador Michel Perrot. Pessoalmente, na época, eu trabalhava numa equipe de projeto, em diagnósticos em bairros, em centros sociais. Não estava familiarizado com pesquisas recentes sobre jovens. Começo a trabalhar no instituto que hoje denominado de Instituto Nacional da Juventude e Educação Popular (*Institut National de la Jeunesse et de L'éducation Populaire - INJEP*) e que na época se chamava Instituto Nacional de Educação Popular - INEP. Tratava-se de uma investigação sobre a integração de jovens com um grupo que

<sup>7</sup> Antigo assistente no Collège de France sob a direção de Claude Lévi-Strauss e mestre assistente na à Universidade Paris 7, na equipe de Robert Jaulin. Pede demissão da função pública em 1979

MONOD, Jean. *Les barjots*. Essai d'ethnologie des bandes de jeunes. Paris : Julliard, 1968, 476p.

<sup>8</sup> Les Jeunes et les autres : Colóquio sobre os jovens, 9-10 de dezembro de 1985. Autor: Gérard Mauger; Hugues de Jouvenel; Pierre Debeine; França. Ministère de la recherche et de la technologie (1984-1986).; et al.

<sup>9</sup> O CRIV existiu de 1944-1994

apresenta o trabalho no colóquio ‘Os jovens e os outros’. Estive presente como convidado durante a restituição dos relatórios de pesquisa desse projeto. Nessa época, Pierre Bourdieu retoma suas reflexões sobre a relevância da juventude como objeto legítimo de pesquisa, que aparece em seu famoso texto ‘Juventude é apenas uma palavra. Eu também diria que no início dos anos 90 dois livros são marcantes. O primeiro é o livro de Olivier Galland, denominado *Sociologie de la jeunesse* (Sociologia da juventude), em 1991, destacando as dimensões das experiências específicas sobre o estatuto social da juventude. O segundo, em 1994, é ‘Jovens na França. Estado da pesquisa’, de Gérard Mauger, que faz um inventário da pesquisa sobre a juventude, publicado em ‘A documentação francesa’ (*La Documentation Française*), dez anos depois dos resumos publicados em ‘Os Jovens e os Outros’. Penso que todos esses são momentos marcantes para a pesquisa sobre os jovens na França. No entanto, o que também chama a atenção é a falta de institucionalização da pesquisa com jovens. Havia pesquisadores trabalhando com juventude, mas não havia um laboratório chamado sociologia da juventude. Da mesma forma, Olivier Galland fazia parte do Observatório de Mudança Sociológica, Gérard Mauger estava no Centro de Sociologia Urbana, mas não houve institucionalização da pesquisa sobre juventude. Assim permaneceu até os dias de hoje. Atualmente, existe apenas uma cátedra de estudos juvenis e é de Patricia Loncle, professora-investigadora na Universidade de Rennes 2, em Ciências Políticas, que é financiada pela Região da Bretanha. Não podemos esquecer o INJEP, que é um importante centro de recursos para tudo o que se relaciona à ação pública juvenil. Isso se reflete em concursos para pesquisadores sobre jovens, para publicações, incluindo a revista ‘Ágora’, que cataloga e publica trabalhos sobre jovens e organiza um centro de documentação. Associações de pesquisa, como a Associação Francesa de Sociologia ou a Associação Internacional de Sociólogos de Língua Francesa, também têm grupos de trabalho na sociologia da juventude, mas este é um status diferente em comparação às instituições de pesquisa, que teriam uma base institucional na França.

**RR:** Você pode me explicar por quê?

**AV:** Teríamos que realizar uma conferência para descobrir por que a pesquisa com jovens não está sendo institucionalizada na França! Exatamente, penso que é uma pergunta a se fazer. Há, sem dúvida, pressupostos de que o jovem não aparece como um domínio autônomo, ou seja, o jovem é um adjetivo, não um substantivo. Há jovens trabalhadores, jovens de classes sociais, jovens em escolas, jovens de acordo com seu gênero, de acordo com seus territórios, de acordo com sua normalidade ou desvio, e assim por diante. Jovens são trabalhados em estruturas institucionais, mas o termo ‘jovens’ é especificado por um substantivo, um ‘algo’. Na sociologia do trabalho, na sociologia da integração, na sociologia da educação, nas sociologias do desvio, aparecem os jovens, porque são jovens pertencentes a um campo mais amplo e legítimo. A juventude por si só não parece estar suficientemente empoderada epistemologicamente para se tornar um tema por si só, embora existam pesquisadores que trabalham praticamente apenas este assunto. A pergunta deve ser feita aos pesquisadores e grupos que acabo de mencionar.

**RR:** Sobre o seu trabalho, li um artigo intitulado ‘O espaço simbólico do trabalho juvenil’, publicado na revista ‘Vida Social’ (*Vie Sociale*), n° 12, em 2015. Você problematiza a frase ‘a juventude ficou fora do jogo e é mantida em interdição social’. Você poderia retomar sua análise?

**AV:** Sim, esta é uma expressão de Pierre Bourdieu no seu conhecido texto 'Juventude é só uma palavra'. Ele começa por dizer que 'jovem' é um adjetivo que não é suficiente para criar uma categoria; e que as categorias relevantes são as da classe social. Porém, ao final desse texto, ele também afirma que os jovens estudantes parecem ser relativamente autônomos, visto que ainda não estão no mundo do trabalho, muitas vezes estão desligados do mundo familiar e, portanto, são efetivamente mantidos em um ambiente externo no jogo-social. Eu tomo como referência essa ideia, porém, eu a utilizo não para todos os estudantes, mas em relação a um certo número de jovens dos meios populares. Estes, de fato, não prosseguem os estudos ou por vezes fazem estudos breves. E nos bairros populares, onde vivem, não têm espaços para encontros, locais de acolhimento, espaços culturais etc. Eles são frequentemente discriminados pela origem estrangeira de suas famílias. Essa situação de 'fora do jogo' de alguns jovens está vinculada à situação de estar 'fora do jogo' nos estudos ou do trabalho, porque não podem entrar no mundo do trabalho e, às vezes, se relaciona ao espaço público porque não chegam a se manter no espaço público. Então, assumi um conceito de Pierre Bourdieu. Quando digo que os jovens ficam 'fora do jogo', quer dizer que, às vezes, certo número de jovens é mantido nos seus territórios: muitas vezes são aqueles que vivem em bairros de habitação social, no fundo dos edifícios. Neste artigo, questiono o trabalho com os jovens: são as intervenções dirigidas aos jovens que são feitas por professores, educadores, pessoal de saúde, polícia etc. A pergunta que eu estava fazendo era: onde tais intervenções são produzidas? Para quem? Com quem? Este trabalho com jovens na França é muito segmentado: os professores estão de um lado, a polícia está de outro lado; os educadores estão em outro lugar, os animadores ainda estão em outro espaço etc. Não há coordenação, não há visão global. Muitas vezes os jovens são empurrados de um espaço para outro. Quando estão no espaço dos educadores é porque foram empurrados para fora do espaço da animação; quando estão no espaço de animação foram tirados do espaço escolar. E assim por diante. Eles estão, portanto, sempre em situação de desertores. Há até locais onde são perseguidos, onde se impede que eles estejam, onde dizem que é para eles não ficarem: vendemos aparelhos que emitem ultrassom para assustar as pessoas com menos de 15 anos. Portanto, eu diria que este 'fora do jogo' é, em certa medida, uma característica da relação que a sociedade tem com os seus jovens e, em particular, com os jovens oriundos da classe trabalhadora. Volto ao texto de Bourdieu. Quando dizemos que 'juventude é apenas uma palavra', significa que não podemos estudar a juventude como uma coisa, como tratou Emile Durkheim. Não podemos torná-la um fato social. Penso que, a partir do momento em que a juventude está 'fora de jogo', é preciso ir até ela, compreender o que isso significa especialmente: onde estão os jovens? É aqui que falo sobre o espaço simbólico, como se constitui esse 'fora do jogo', o que eles fazem em relação a essa situação, o que os impede de entrar no jogo. Do meu ponto de vista, é um dos problemas sociológicos a resolver, o que não é simples, mas considero relevante.

**RR:** Como surgiu a ideia de escrever o livro *Juventude como recurso*?

**AV:** Primeiro é preciso explicar as circunstâncias. Eu tinha acabado de ser aprovado em meu HDR, em 1999, antes da publicação de *La Jeunesse comme ressource* (A juventude como recurso), em 2001. No júri estava Bernard Charlot, que eu o conhecia um pouco: foi meu professor nos cursos em Ciências da Educação na Universidade de Paris 8, entre 1990 e 1996. Ele me convidou para o conselho científico da Profissão Banlieue, um centro de recursos localizado em Saint-Denis para profissionais do setor urbano, em 1993. Bernard Charlot havia lançado uma coleção na editora 'Érès: Questions vives sur la banlieue' (editora Érès: Questões

vivas sobre a periferia). Nessa coleção já haviam sido publicados dois ou três livros e ele sugere que eu faça alguma publicação sobre os jovens. Além disso, eu estava trabalhando sobre as inscrições alternativas da juventude, que se distinguiam das suas inscrições tradicionais, onde se esperava que eles estivessem. Eu trabalhava para compreender as inserções emergentes dos jovens, diferentes daquelas em que os jovens são colocados 'fora do jogo'. Nesses espaços os jovens se inscrevem por conta própria, por meio de suas próprias atividades. Por isso, realizava pesquisas com o *hip-hop*, por exemplo, com culturas juvenis nas quais os jovens podiam desenvolver competências, promover espaços e adquirir visibilidade e reconhecimento social, a partir de suas próprias dinâmicas. Em 1990 escrevo um livro sobre *Graffiti* que, no contexto da época, parecia seriamente uma prática desviante. Porém, graças aos próprios jovens, a recepção do *Graffiti* mudou. Por exemplo, desde 2016, a associação intermunicipal de '*Plaine Commune*' nomeia um espaço chamado '*Street Art Avenue*', ao longo de um canal por vários quilômetros. Fazem um material de divulgação explicando que é preciso visitar todo o *Graffiti* ao longo do canal, com produções realizadas por grandes artistas<sup>10</sup>. Isso, para mim, é um exemplo de reconhecimento: as instituições acabavam por reconhecer as práticas culturais que os jovens estavam fazendo, que anteriormente eram consideradas desviantes e passam a compreender que tais produções podem até ser interessantes como ferramentas de desenvolvimento regional. Com efeito, a Avenida *Street Art* permite nomear um espaço urbano em curso de reconversão, com base nas atividades juvenis. Isso é o que chamo de 'recurso jovem', quando os jovens têm um problema de não ter espaço de integração e eles mesmos criam tal espaço. Quando criam tais espaços são considerados desviantes, mas, gradualmente, as negociações são realizadas com as instituições que passam a aceitá-los. Isso pode ocorrer também porque pesquisadores procuram dar visibilidade ao que está acontecendo, mas penso que o importante é o reconhecimento que passam a receber das instituições. Há algum tempo identifica-se que os jovens são o seu próprio recurso, ou seja, são eles que encontram a solução para o problema, ou partes da solução para os problemas que enfrentam. A ideia é simples: os jovens têm problemas, mas podem contribuir para as soluções, para a proposta, para o desenvolvimento, para a implementação de soluções para determinados problemas.

Sobre pesquisadores implicados nos estudos sobre a juventude identifico, ainda, cerca de quinze deles, alguns já reconhecidos e outros alunos de doutorado. Havia também Françoise Têtard, que já mencionei, que considero importante. Participa em particular do simpósio 'Os jovens e os outros', em meados da década de 1980. Também contribui para a história das casas correcionais e por tudo com o que se implicou quanto em relação aos jovens na 'animação'. A ideia era olhar para os jovens, não apenas para a delinquência ou para as suas carências, mas sim para as respostas que podem construir: seja respostas que vêm da sua cultura, sejam respostas associadas às propostas das instituições. Por exemplo, estudo também em conselhos municipais de juventude, portanto, em formas de participação, modos de intervenção dos jovens em que, mais uma vez, eles são chamados em um território: Faça o inventário do que está faltando e o que você pode sugerir para compensar essas lacunas. Muitas vezes, essas são áreas de lazer, áreas de recepção ou fontes de informação para jovens; mas são conselhos organizados pelas juventudes, propostos pelas instituições territoriais, o que também é algo importante.

**RR:** A ideia da juventude como recurso é muito forte. Parcela da sociedade atual, mesmo que nos discursos, já reconhece o potencial das políticas com as juventudes... Você tem um trabalho

<sup>10</sup> É possível saber mais sobre este lugar no site:

[https://www.tourisme93.com/document.php?pagendx=815&engine\\_zoom=FMAIDFC930029\\_417](https://www.tourisme93.com/document.php?pagendx=815&engine_zoom=FMAIDFC930029_417).

muito interessante sobre o reconhecimento da juventude, da sua importância na construção de propostas, mas que autonomia as instituições oferecem aos jovens? Existem na França associações ou pesquisas que enfocam a juventude como recurso para superar a ideia da juventude como um problema? Você acha que existe autonomia real para os grupos de jovens?

**AV:** Meu trabalho de investigação é construído a partir de práticas. Não assumo uma posição teórica, moral ou política ao dizer “os jovens têm de ser um recurso”. Tenho realizado pesquisas sobre áreas onde os jovens são vistos como recursos por eles próprios ou pelas instituições que os acolhem. É nesse estado de espírito que teorizo a ideia de ‘juventude como recurso’, no trabalho de habilitação para dirigir teses, que foi publicado em livro, ‘As inscrições da juventude’, em 2002 (*Les inscriptions de la jeunesse*)<sup>11</sup>. Nesse livro, a partir da experiência de trabalho com a animação, que consistia em estar com jovens em seus espaços de lazer. Eles podiam escolher suas atividades. A partir dessas escolhas era possível dialogar e trocar saberes. Essa experiência com os jovens me leva a pensar que é bastante coerente o pressuposto de que os jovens podem ter ideias, muitas vezes boas ideias, que eu poderia não ter pensado, para o seu tempo de lazer. Então, talvez eles pudessem ter algumas ótimas ideias para trabalho, negócios, estudos, atividades culturais ou sociais etc. É nessa direção que gostaria de contribuir com minha pesquisa. Ao trabalhar com as questões relacionadas à periferia, com os bairros nas cidades, identifica-se uma política do Estado que se colocava a assumir as responsabilidades, uma política de bairros, que também se baseava na ideia de que a população, em geral, devia participar da renovação urbana e da reabilitação de seu ambiente de vida. Muitas vezes era apenas um *slogan*, mas digamos que, ao mesmo tempo, eu estava trabalhando em bairros ou territórios onde toda a abordagem política consistia em dizer que precisamos de empoderamento. A palavra era ainda não utilizada na época, mas correspondeu a esta ideia da participação, de que é necessário levar em consideração o desenvolvimento das pessoas. Muitas vezes as pessoas que defendiam essas linhas de argumentação tinham fundamentos filosóficos ligados ao que se chama de personalismo, como o de Emmanuel Mounier, de quem eu tinha ouvido falar quando estava na UFCV. Globalmente, o personalismo era baseado na ideia de confiar nas pessoas.

**RR:** A política pública é baseada nesta ideia hoje?

**AV:** Sim, mas de forma muito limitada e direcionada. Havia um período ligado à chegada do governo de esquerda no início dos anos 1980. Por exemplo, sobre a integração dos jovens. O Bertrand Schwartz havia criado a política de integração dos jovens e dizia: “Nada será feito sem jovens. Os jovens têm problemas de emprego, têm todos os tipos de problemas, mas se queremos fazer algo por eles, temos que fazer algo com eles”. No campo da prevenção da delinquência, às vezes, existia uma política de projetos baseada na expressão dos jovens, mas era anedótica. A política de reabilitação de bairros teve a mesma ideia: os moradores são frequentemente discriminados, pobres, em lugares difíceis etc. Mas você tem que ver com eles quais são suas ideias para melhorar as coisas. Na década de 1980, portanto, ocorriam ações políticas e planos que também caminhavam nessa direção. Então, como eu estava em equipes de projeto, fazendo diagnósticos sobre esses problemas, ouvia falar deles. Havia o tema da participação dos moradores e, atualmente, existem os conselhos de cidadãos que foram criados há alguns anos. A participação é algo que permanece relevante, apesar das mudanças políticas. Por outro lado, com

<sup>11</sup> Texto completo disponível em [http://www.persee.fr/doc/debaj\\_1275-2193\\_2002\\_mon\\_10\\_1](http://www.persee.fr/doc/debaj_1275-2193_2002_mon_10_1).

a questão dos jovens a situação é mais ambígua, ou seja, existem ambas as políticas públicas: aquelas que caminham no sentido de responsabilizar, participar e confiar nos jovens; e há políticas que caminham na direção dos jovens não mais como um recurso, mas como uma ameaça. Nesse caso, a juventude é percebida como um risco social contra o qual se deve proteger: isso leva tanto à exclusão dos jovens, quanto ao seu confinamento. Todas as políticas repressivas vão nessa direção. Eu refino algumas reflexões sobre o tema da juventude como ameaça em meu último livro, denominado 'A idade segura'.

**RR:** Você citou alguns exemplos, mas poderia apresentar outros de pesquisa relacionada à juventude como um recurso?

**AV:** Estou pensando, em particular, nos estudos realizados por pesquisadores com os quais trabalhei. Em relação ao componente da participação dos jovens, posso citar Patricia Loncle e Valérie Becquet. Há um trabalho que era no sentido de aprofundar o que acontece nos lugares onde se pede aos jovens que participem, visando perceber quais eram os problemas que isso colocava. Penso, por exemplo, em Véronique Bordes que trabalhava com jovens de bairros populares, sobre o *hip-hop* e as culturas juvenis. Nesses trabalhos os jovens mostram como existe o *know-how*, que depois pode ser utilizado para outras áreas. É possível criar um programa em qualquer lugar, começar com seus próprios pontos fortes e depois tê-los reconhecidos. É um dos aspectos da juventude como recurso. O processo mostra que os jovens em seus espaços podem desenvolver suas habilidades, porque possuem conhecimentos adquiridos, por vezes de forma informal ou não formal. Este conhecimento, se o reconhecemos como conhecimento, também pode ser reconhecido como potência, ou seja: os jovens podem criar produções culturais, sociais etc. Eles, os jovens, podem contribuir para o desenvolvimento social.

**RR:** Finalmente, quais são as perspectivas da sociologia da juventude na França?

**AV:** Penso que há algo que realmente surge nos últimos quinze anos: a pesquisa com mulheres jovens. Isso é algo que realmente estava faltando. Existem pesquisadoras como Isabelle Clair, Stéphanie Rubi, Yaelle Amsellem-Mainguy que trabalham sobre gênero. Muitas das pesquisas realizadas eram sobre homens, sobre homens jovens, especialmente em pesquisas sobre delinquência. A pesquisa que fiz sobre *hip-hop*, por exemplo, era mais sobre rapazes; por outro lado, a pesquisa sobre conselhos de jovens era mais sobre as garotas. Porém, não trabalhei da mesma forma, tão problematizada. Há também toda uma área que está sendo trabalhada por Patricia Loncle e Valérie Becquet sobre o engajamento dos jovens, políticas públicas relacionadas ao atendimento aos jovens, mas no sentido de participação e do lugar dos jovens como atores. Eu penso que essa é uma direção de trabalho. Também há pesquisa sobre juventude islã e questões de radicalização. Sempre houve alguma pesquisa no campo dos jovens e da religião, inicialmente mais relacionada ao catolicismo, mas nos últimos quinze anos passaram a existir pesquisas desse tipo, em particular a pesquisa de Farad Khosrokhavar ou Nathalie Kakpo sobre jovens e o islã. Algumas dizem respeito às questões acaloradas em torno do islã sobre o tema do terrorismo e da radicalização, mesmo que o islã não seja apenas isso, é claro. Para ter uma visão geral do trabalho com juventude, seria necessário questionar coletivos, como a associação francesa de sociologia e a associação internacional de sociólogos francófonos para conhecer seus temas de colóquios e seminários dos últimos anos. Podemos apontar uma questão: a sociologia da juventude tem um irmão ou irmã que é a sociologia da infância. Também nessa perspectiva,

nos últimos quinze anos, têm acontecido novos estudos, entre outras coisas, nas ciências da educação, com pesquisadores como Régine Sirota e Julie Delalande. Há todo um trabalho em torno da primeira infância, infância e pré-adolescência, não só a partir do estatuto do aluno, como na sociologia da escola ou da educação, mas a criança estudada em seus espaços de vida e com relativa autonomia. Recentemente, o olhar que tínhamos focado nos jovens passou a se direcionar sobre a criança. Assim, identificam-se os parquinhos e as festas de aniversário como espaços relevantes para a pesquisa. Existem correntes de pesquisa realmente interessantes, mas esse tema de estudo não penso que ainda seja muito institucionalizado na França. São pesquisadores que se reúnem nas conferências, que formam grupos de pesquisa, mas não há um laboratório instituído como tal sobre a Sociologia da Infância.

RR: Muito obrigada Sr. Vulbeau

Paris, França, janeiro de 2019

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. La jeunesse n'est qu'un mot. In : **Questions de sociologie**, Paris, Minuit, 1984, p. 143-154.

GALAND, O. **Sociologie de la jeunesse**. L'Entrée dans la vie. Paris: Colin, 1991.

MONOD, Jean. **Les barjots**. Essai d'ethnologie des bandes de jeunes. Paris: Julliard, 1968.

MAUGER, G. **Les jeunes dans la France**. État des recherches. Paris: La Documentation Française, 1994.

SAUVY, A. **La montée des jeunes**. Paris: Calmann-Lévy, 1959.

TÊTARD, F. Le Groupe des sciences sociales de la jeunesse (1963-1968): une aventure théorique". In : VULBEAU, A. (Org.). **La jeunesse comme ressource** Toulouse, Érès, 2001, p. 17-38.

VULBEAU, A (dir). **La jeunesse comme ressource** : expériences et expérimentation dans l'espace public, Ramonville Saint-Agne: OBVIÉS / ERES, 2001.

VULBEAU, A. L'espace symbolique du travail de la jeunesse. Paris. **Revue Vie sociale**, n°12, 2015, p. 29-36

VULBEAU, A. **Du gouvernement des enfants**, Paris, Desclée de Brouwer, 1993.

VULBEAU, A. **L'âge sécuritaire**. Que faire des jeunes inéducables? Coll. Terrains sensibles, Paris: L'Harmattan, 2014

VULBEAU, A. **Les inscriptions de la jeunesse**. Paris, INJEP/L'Harmattan, 2002

Submetido em: abril de 2021  
Aprovado em: junho de 2021